

O NÃO-LUGAR DO RETIRANTE NORDESTINO EM *ESSA TERRA*, DE ANTÔNIO TORRES

Rogério Gustavo GONÇALVES*

■ **RESUMO:** Este artigo analisa, no romance *Essa terra*, de Antônio Torres, a trajetória do personagem Nelo, que migra para São Paulo em busca de oportunidades de ascensão social, retornando vinte anos mais tarde à terra natal, no sertão baiano, onde termina por se suicidar. A partir da consideração da história individual desse personagem como representação de uma coletividade, o estudo aborda a visão pessimista que o romance transmite da condição do retirante nordestino, para o qual não há lugar na sociedade. A narrativa problematiza a situação do sertanejo que procura, na fuga para as metrópoles, um meio de escapar da seca e da miséria. Por outro lado, focaliza também as circunstâncias decorrentes do processo migratório, como a marginalização do nordestino pobre no espaço urbano. São avaliadas, ainda, no percurso do personagem, as consequências psicológicas do processo de influência sociocultural sofridas por ele a partir do contato com outra realidade, como a impossibilidade de readaptação ao lugar de origem. Essa relativização do espaço, ao figurar Nelo num estado de desterritorialização em relação ao sertão e não pertencimento em relação à cidade, situa-o numa espécie de zona limiar, desencadeando a crise identitária e o consequente suicídio do personagem.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Antônio Torres. Espaço. Identidade. Memória. Migração.

O romance *Essa terra* apresenta a história trágica de uma família do sertão baiano a partir da narração memorialística de um de seus integrantes, o personagem Totonhim. A trama gira em torno do episódio da morte de Nelo, irmão mais velho do narrador, que comete suicídio ao voltar para a casa da família, no pequeno vilarejo de Junco, após viver vinte anos em São Paulo. Dessa maneira, o romance problematiza a situação do retirante nordestino, que procura, na fuga para as grandes capitais do Sudeste do Brasil, um meio de escapar da miséria e da seca – tema já bastante explorado, principalmente pela literatura regionalista das décadas de 1930 e 1940 –, focalizando as circunstâncias decorrentes do processo migratório, como

* UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Programa de Pós-Graduação em Letras do Departamento de Estudos Literários – São José do Rio Preto – SP – Brasil. 15084-060 – rogeriogstvo@yahoo.com.br.

as difíceis condições de vida no cotidiano urbano e o conseqüente movimento de retorno à terra natal.

Segundo o crítico Ítalo Moriconi (2008), o personagem Nelo é uma “presença ausente” na trama de *Essa terra*, devido ao fato de o relato de sua vida ser produzido após a sua morte. A trajetória desse personagem no romance é narrada a partir das lembranças de Totonhim referentes ao curto período em que conviveu com o irmão, após este retornar a Junco. É também reconstituída com base nas lembranças do que Totonhim ouviu dizer, no ambiente familiar, sobre o irmão mais velho, que já havia partido para São Paulo antes de seu nascimento. Apesar de, em determinados momentos, o próprio Nelo tomar a voz como narrador em primeira pessoa ou por meio do discurso direto, nos diálogos de que participa, sua imagem é construída no romance, primordialmente, sob o ponto de vista de Totonhim, cujo discurso traz em si um profundo ressentimento, pelo fato de o primogênito figurar como exemplo único de sucesso na família e, em razão disso, ser venerado por todos.

De qualquer modo, é possível delinear uma imagem de Nelo não apenas pelo teor de seu discurso, que pouco se manifesta, mas também pela descrição, feita pelo narrador Totonhim, de suas ações e de sua postura ante os acontecimentos, considerando-se a afirmação de Bakhtin de que, no romance, a essência e o modo de pensar do personagem não são representados apenas a partir de sua fala, mas, também, pela narração de seus gestos. Nas palavras do autor,

[...] ele pode agir, não menos que no drama ou na epopéia – mas sua ação é sempre iluminada ideologicamente, é sempre associada ao discurso (ainda que virtual), a um motivo ideológico e ocupa uma posição ideológica definida. A ação, o comportamento do personagem no romance são indispensáveis tanto para a revelação como para a experimentação de sua posição ideológica, de sua palavra. (BAKHTIN, 1988, p. 136).

Apesar da narração memorialística subjetiva de Totonhim, que não adentra a consciência de Nelo, é construído em *Essa terra* um retrato moral e psicológico desse personagem e de sua evolução, por meio do acúmulo de traços que o caracterizam e das especificidades de seu comportamento durante sua trajetória.

A história de Nelo concentra-se principalmente na primeira parte da narrativa, “Essa terra me chama”, em que Totonhim relata a ida do irmão para São Paulo, as motivações que o levaram a tomar tal decisão e o seu retorno a Junco, vinte anos depois. Pode-se, portanto, relacionar o ato de chamamento expresso no título tanto a um espaço quanto a outro: interpretando-o como o poder de atração da cidade sobre o jovem interiorano ou, opostamente, como a necessidade do retirante rejeitado pelo ambiente urbano de retornar à zona virtual de segurança que sua terra de origem representa.

O sertanejo Nelo, em sua juventude no interior da Bahia, alimenta o desejo de se mudar para a cidade grande, em busca das oportunidades que ela poderia lhe oferecer. Ele é influenciado, principalmente, pela imagem de sucesso exibida pelos viajantes das capitais que passam pelo vilarejo, como na ocasião em que representantes de um banco visitam Junco, oferecendo empréstimo aos pequenos proprietários de terra para o financiamento do plantio de sisal:

Nelo descobriu que queria ir embora no dia em que viu os homens do jipe. Estava com 17 anos. Ele iria passar mais três anos para se desapegar do cós das calças de papai. Três anos sonhando todas as noites com a fala e as roupas daqueles bancários – a fala e a roupa de quem, com toda certeza, dava muita sorte com as mulheres. (TORRES, 2005b, p. 18).

O comportamento de Nelo quando jovem dá indícios de uma forte influência externa sobre uma personalidade ainda em formação e marca o início de uma crise identitária – que se manifestará com maior intensidade mais adiante –, uma vez que o personagem, nessa fase da vida, já se mostra deslocado, insatisfeito com o modo de vida do lugar onde nasceu e cresceu.

O conflito interno se estabelece, portanto, a partir do contato do “eu” com o “outro”, no qual os costumes, as feições e a fala locais sofrem um rebaixamento de valor por parte do próprio personagem. A consciência da alteridade desencadeia nele o sentimento de inferioridade e o desejo de ruptura com os signos que moldaram sua personalidade até então. Desse modo, ele instaura uma imagem disfórica do sertão árido, a partir do enaltecimento de uma vida urbana idealizada, projetada pela sua imaginação. Os traços de instabilidade da identidade de Nelo passam a se formar a partir do julgamento do seu próprio meio comparado a outra realidade, numa representação literária de um contexto social que entra em conformidade com as considerações de Hall (2002, p. 39) a respeito da constituição identitária do sujeito pós-moderno, em que o “outro” passa a ser elemento central nesse processo.

A percepção de uma outra realidade num lugar diferente e a certeza da condenação a um futuro de privações em Junco geram em Nelo um inconformismo em face de sua situação. A expressão do querer, dado o surgimento de um objeto de desejo, instaura o conflito no personagem, que se vê num estado de carência, provocador de uma ação, impelindo-o a deslocar-se espacialmente, numa travessia que será essencial para sua formação. E para buscar na cidade grande a vida diferente da dos seus entes, assumindo o lugar do “outro”, é preciso que transgrida a autoridade do pai (influenciando posteriormente os demais irmãos), que deseja que os filhos permaneçam na terra da família, dedicando-se ao trabalho agrícola, e repitam seu percurso de vida.

Entretanto, ao contrário do que espera, quando se muda para a metrópole Nelo passa a vivenciar experiências degradantes e traumáticas ao deparar-se com os

problemas de desemprego, solidão, violência e discriminação, como se depreende, por exemplo, das seguintes asserções, ouvidas por ele na capital paulista:

Todo baiano é negro.

Todo baiano é pobre.

Todo baiano é veado.

Todo baiano acaba largando a mulher e os filhos para voltar para a Bahia. (TORRES, 2005b, p. 62).

Essas frases, emitidas pelos familiares da noiva do personagem quando tomam conhecimento de que ela se casaria com um baiano, definem a imagem comum que se tem do povo de sua terra e sua condição marginal na metrópole paulista.

Em sua lembrança do tempo em que viveu em São Paulo, no capítulo 10 de “Essa terra me chama”, o personagem descortina uma metrópole não mais idealizada, mas um espaço físico inóspito e opressor para o retirante, onde medram a violência, a injustiça e a indiferença. Demonstra a situação do futuro tornado presente, que não se parece com a ideia que Nelo tinha feito dele no passado, marcando o contraste entre a imagem paradisíaca da cidade, alimentada pelo personagem quando jovem, e a dura realidade vivenciada por ele nesse espaço.

Nesse capítulo, composto pelas lembranças narradas pelo próprio Nelo, ele é perseguido e agredido por policiais nas ruas da capital paulista, enquanto corre tentando alcançar a esposa e os filhos que entram num ônibus após terem-no abandonado. Nesse episódio, predomina o fluxo de consciência como representação do estado de delírio do personagem ferido, que mistura o momento em que é violentado com recordações diversas e situações imaginadas, proporcionando ao leitor informações sobre o caráter infausto de sua vivência em São Paulo, até então não reveladas.

O capítulo começa com uma violenta cena de espancamento de Nelo, sob o olhar indiferente da população urbana. Depois, a narração retrocede para os fatos anteriores a esse momento, que evoluirão até passar por ele novamente, repetindo-o, como um recurso técnico do cinema em que a narrativa seleciona um instante de clímax para, por meio de uma imagem impactante, prender a atenção do espectador logo de início. No caso de *Essa terra*, esse artifício serve também para ressaltar a violência urbana:

Eles me agarraram pelas orelhas e pelo pescoço e bateram a minha cabeça no meio-fio da calçada. Berrei. Que meu berro enchesse a rua deserta, subisse pelas paredes dos edifícios, entrasse nos apartamentos, despertasse os homens, as mulheres e as crianças, rachasse as nuvens pesadas e negras da cidade de São Paulo e fosse infernizar o sono de Deus: — Socorro. Estão me matando. (TORRES, 2005b, p. 55).

Num ensaio sobre as direções da denominada “nova narrativa brasileira”, Antonio Candido (1987, p. 211) observa que “uma espécie de ultrarrealismo sem preconceitos” aparece como tendência na literatura de escritores brasileiros do final do século XX. Segundo o crítico, é um tipo de literatura que “agride o leitor pela violência, não apenas dos temas, mas dos recursos técnicos [...], avançando as fronteiras da literatura no rumo de uma espécie de notícia crua da vida.” (CANDIDO, 1987, p. 211). Seguindo essa tendência, outras obras de Antônio Torres, além de *Essa terra*, abordam situações que destacam a banalização da violência no espaço urbano. Serve de exemplo a passagem de *Pelo fundo da agulha* (2006) na qual Totonhim (o mesmo narrador-protagonista do romance aqui analisado) relata o instante em que um casal de amigos seus é atingido por uma rajada de tiros de metralhadora, em plena rua, por militares, em São Paulo, e, depois, tem seus corpos ocultados. Em *Um cão uivando para a lua* (2002), no capítulo 9, o personagem identificado pela inicial A., ao ler algumas reportagens da seção policial de uma revista, narra casos como o de um funcionário que, na condição de vítima injustiçada pelo capitalismo empresarial, mata o patrão por ter sido substituído por outro empregado mais jovem. No capítulo 11, o personagem detém-se na leitura do caso de uma pedestre que, atropelada numa avenida de grande fluxo de veículos no Rio de Janeiro, tem seu corpo gradativamente destruído pelas rodas das dezenas de automóveis em alta velocidade, que não param diante do cadáver.

Antonio Candido avalia essa preferência por determinados temas e procedimentos na narrativa produzida nas últimas décadas do século XX, relacionando-a com o contexto em que surge, que, segundo ele, serve de matéria e influencia drasticamente os autores que nele estão inseridos, assim como o perfil do público leitor:

É possível enquadrar nesta ordem de ideias o que denominei “realismo feroz”, se lembrarmos que além disso ele corresponde à era de violência urbana em todos os níveis de comportamento. Guerrilha, criminalidade solta, superpopulação, migração para as cidades, quebra do ritmo estabelecido de vida, marginalidade econômica e social – tudo abala a consciência do escritor e cria novas necessidades no leitor, em ritmo acelerado. (CANDIDO, 1987, p. 212).

Em relação ao trecho em que o problema da violência na cidade é abordado em *Essa terra*, nota-se que o personagem Nelo, no momento em que é torturado, num estado de delírio, seleciona imagens repulsivas da paisagem urbana: “Tietê: águas escuras, fundas – Tietetânicas.” (TORRES, 2005b, p. 58). Oprimido e com suas expectativas frustradas em relação à cidade pelo contato com a realidade violenta, o personagem transmuda os elementos do espaço em torno de si, criando um clima de horror, que indicia suas alterações psicológicas. Essa situação evidencia um processo equivalente ao que Osman Lins (1976, p. 35) observa na construção e função do espaço na obra de Lima Barreto, no qual a subjetividade do personagem

pode projetar-se sobre o ambiente, “mediante um processo de amortecimento ou de exaltação dos sentidos”, criando uma atmosfera que reflete o seu estado de espírito.¹ Em *Essa terra*, a cidade transformada num espaço hostil, que sufoca e aprisiona, emoldura a derrocada do personagem, literalmente caído na sarjeta, e desvela a estrutura social que contrapõe a vítima marginalizada a um grupo dominador.

Para escapar da atmosfera pesada da urbe que o envolve no momento em que é surrado, Nelo sobrepe a ela *flashes* da memória do sertão de sua infância. No papel de narrador, ele cria um efeito no qual o cenário desolador da cidade metamorfoseia-se em ambientes e situações pitorescas de sua infância:

Eles estão mijando na minha cara e eu estou tomando um banho no riacho lá de casa, as águas do riacho lá de casa vão para o rio de Inhambupe que vai para o rio Tietê, seguro um tronco de mulungu, para não me afogar, bato com as pernas na água, devagar, sem pressa, sem medo de me afogar, o tronco escorrega e escapole, desço ao fundo, enfio a cara na lama, volto à tona, estou me afogando:
— Socorro.
— Confessa corno.

[...]

Quantos serão? Não sei. Não os vejo. Uma dúzia, talvez. O pior de todos é esse Zé do Pistom, agora metido com a polícia. Agora mijam de dois em dois. Na minha cara. Até o senhor Zé, meu primo. Baiano.

Eu plantei o pé de ficus na porta, já deve estar uma árvore bem grande.

Eu plantei cinco castanhas, nasceram cinco cajueiros, na roça de mandioca. (TORRES, 2005b, p. 61).

Observa-se, também, na narração desse episódio, uma imprecisão em relação ao espaço da cidade que, de certo modo, nega-o, deixando-o à sombra, enquanto ilumina o sertão rememorado por Nelo, sua zona imaginária de acolhimento. O espaço rarefeito também expressa a ânsia de fugir dos problemas que ele vivencia em São Paulo para reingressar no espaço de seu passado. Num desejo desesperado de retorno às origens, Nelo passa a evocar, em seu devaneio, por meio de registros desconexos, imagens da terra natal, agora vista sob uma nova perspectiva. A pequena Juncos passa a ser lembrada como espaço eufórico, aprazível, aconchegante, com

¹ Por “ambientação”, Osman Lins entende o conjunto de recursos expressivos, utilizados pelo autor, destinados a provocar na narrativa a noção de um determinado ambiente. Ligado à ideia de espaço, sendo invariavelmente de caráter abstrato, o termo “atmosfera” é empregado por Lins como designação para “algo que envolve de maneira sutil os personagens”, mas que “não decorre necessariamente do espaço, embora surja com frequência como uma emanção do espaço, havendo mesmo casos em que o espaço justifica-se exatamente pela atmosfera que provoca.” (LINS, 1976, p. 18).

valor de “onirismo consoante”, para empregarmos a expressão de Bachelard (1989), utilizada em relação aos lugares do sonho considerados de abrigo e proteção.

O espaço urbano ameaçador sofre mutações que o aproximam de um espaço idílico, projetado pelo personagem para se refugiar. As coisas que o cercam na cidade revestem-se de estranheza, como um lugar invadido pelo pesadelo, do qual Nelo busca proteger-se, reconstruindo, por meio da memória e da imaginação, um sertão aprazível, ligado ao *topos* do “lugar ameno”. Por meio do aspecto de narrativa de encadeamento, de fluxo de consciência, em que um comentário, uma situação ou lembrança incitam o personagem a lembrar-se de outra situação oposta, Nelo se converte em seu próprio esconderijo ao evadir-se em sua abstração, transformando mentalmente as condições do ambiente.

Passados vinte anos em São Paulo, frustrados os seus planos de enriquecimento e marginalizado na sociedade urbana, Nelo resolve voltar a Junco, a fim de restabelecer os laços com o ambiente do sertão, reconstruído de maneira edênica em sua memória, de resgatar suas origens e reencontrar o que acredita ser o seu verdadeiro eu. O retorno do personagem ao interior, além de marcar seu confinamento social e topográfico, assume o caráter de fracasso ou de símbolo de que já não é possível a formação integral do indivíduo num mundo movido por relações desiguais, no qual o homem tem de se reificar para sobreviver. Nelo, que sonhara com a felicidade obtida num lugar estrangeiro, onde não estaria sujeito às interdições familiares e financeiras e às limitações impostas pelo espaço, sente, em contrapartida, o peso da solidão material e espiritual na cidade. Desencantado com a vida, por não alcançar seus objetivos, ele intensifica, no sentido físico, seu próprio isolamento. O personagem abandona o cenário da sua desafortunada experiência, voltando à terra natal, a base rural que supostamente resguardaria a estrutura de acolhimento de outro tempo.

No entanto, quando retorna, Nelo percebe que não é possível readaptar-se ao cotidiano do sertão. Ele não consegue restabelecer qualquer vínculo de identificação com a terra de origem porque a experiência na capital paulista o modificou. Toma consciência de que o passado não pode ser recuperado, pois ele não é mais o mesmo Nelo de antes. A Junco que estava cristalizada em sua memória também não existe mais, tornou-se um espaço utópico, e o sentimento de não pertencimento que toma o personagem acaba resultando numa crise identitária e no seu conseqüente suicídio.

Essa situação de perda das referências, que o romance aborda por meio da história de Nelo, encontra-se em consonância com as reflexões de Stuart Hall a respeito da instabilidade do indivíduo nas sociedades modernas e do colapso de suas identidades. Nas palavras do crítico cultural,

[...] um tipo de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX, [...] fragmentando as paisagens culturais de classe,

gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. (HALL, 2002, p. 9).

Para Hall, o espaço de origem é o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas e, portanto, qualquer influência ou intervenção nesse espaço afeta diretamente a constituição da identidade dos sujeitos que dele provêm.

Em *Essa terra*, numa espécie de mimetização dessa perspectiva sobre as transformações nas sociedades modernas, Nelo já não se identifica mais com a comunidade onde nasceu não apenas em razão dela ter se tornado pequena para ele, mas também porque o sertão sofreu mudanças, sob vários aspectos, perdendo muitas das características do passado. No romance, o memorialista Totonhim dá destaque à intensidade dessa inadequação de Nelo, à exasperação nele causada pelo embate com o meio, do qual termina saindo destroçado, em face de suas expectativas juvenis. Assim, a trajetória desse personagem solitário e problemático pode ser interpretada como uma viagem rumo à aquisição de uma consciência profunda e reflexiva a respeito da sua realidade, a ponto de fazê-lo decidir pela descontinuidade de sua própria vida.

O suicídio² de Nelo na sala da casa dos avós, em Junco, vinte anos depois de ter saído em busca de uma mudança radical na sua condição, reveste-se de uma certa ironia, pois configura a origem e o fim do personagem viajante num mesmo ponto, intermediados pela luta em vão para ultrapassar as barreiras que o prendem à base da pirâmide social. Sua morte também assinala de vez a desintegração da família, que nunca apresentara uma convivência muito estreita entre seus membros. A distância física de Nelo, contraditoriamente, sempre representou um fator de aproximação entre os demais, pois fazia do personagem uma figura mítica, idolatrada pelos familiares. Ainda que distante, enquanto vivo, Nelo era o esteio afetivo que conservava a coesão da memória familiar, o centro das atenções, por ser o primeiro integrante a aventurar-se num outro tipo de vida numa terra distante, alimentando nos demais a esperança de uma possibilidade de vitória.

Devido ao fato de Nelo ter cometido suicídio, uma atitude condenada pelo catolicismo, a igreja de Junco fecha suas portas, recusando-se a receber o corpo do

² O tema do suicídio será retomado por Antônio Torres em outros romances, como *Carta ao bispo* (2005a), em que o protagonista Gil tira a própria vida por não conseguir ver seus sonhos de um sertão próspero realizados. Em *Balada da infância perdida* (1999), o personagem Calunga é uma espécie de suicida que, fracassado e entregue ao vício da bebida no Rio de Janeiro, retorna ao interior do Nordeste, onde acaba morrendo. Em *Pelo fundo da Agulha* (2006), o pacato general aposentado, sogro de Totonhim, mata-se com um tiro na cabeça, por razões não reveladas, e, no mesmo romance, o primo do protagonista, Pedrinho, enforca-se numa árvore, em Junco.

morto para ser velado. Tal reprovação se expressa nas palavras do doido Alcino, na praça do vilarejo:

Quem se mata é um condenado.

— O diabo faz o laço e Deus não corta a corda. Deus não acode um homem sem religião. (TORRES, 2005b, p. 27).

Essa passagem é emblemática, pois estabelece a ausência da garantia de um lugar estável a Nelo tanto no mundo dos vivos quanto no dos mortos; determina a exclusão do personagem também no plano sobrenatural ou místico. O suicídio, como única medida encontrada por ele para escapar de uma vida infernal na Terra, ironicamente, de acordo com a crença cristã, acaba levando-o para um território de expiação eterna. Ou seja, segundo a visão pessimista que o romance transmite em relação à condição do retirante nordestino, não há lugar e não há saída para Nelo. *Essa terra* mostra, com a trajetória desse personagem, como o mito da prosperidade na grande São Paulo se constrói e se dilui. A capital, que inicialmente aparece como uma fonte de atração para os personagens, acaba revelando-se um ambiente perigosamente enganoso, assinalando que não apenas o sertão e a seca expulsam o homem.

O motivo da viagem atravessa a narrativa, proporcionando, por meio do percurso do personagem Nelo, a aproximação de lugares a que pertencem diferentes realidades. Segundo Octavio Ianni (2003, p. 13), “Toda viagem se destina a ultrapassar fronteiras, tanto as dissolvendo como as recriando, o que transforma o viajante num importante mediador entre dois mundos.” Nelo, ao deslocar-se no espaço, distanciando-se de uma comunidade quase isolada do contato com o restante do mundo, necessariamente sofre uma modificação, é influenciado culturalmente pelo cotidiano urbano e passa a enxergar sua terra de origem sob uma nova perspectiva, agora distanciada, com os olhos do “outro”. No percurso em movimento pendular da viagem de Nelo, no ir e vir do personagem, a partida funda-se na busca de uma possível identificação com o “outro”, ou com a projeção que se tem do “outro”, enquanto o retorno, como resultado frustrado dessa busca infrutífera, reflete um sentimento de não pertencimento a lugar algum, de não reconhecimento, resultando na constituição de uma identidade fragmentada e ambígua.

GONÇALVES, R. G. The non-place of the Brazilian northeastern migrant in *Essa terra*, by Antônio Torres. **Itinerários**, Araraquara, n. 44, p. 43-52, jan./jun. 2017.

■ **ABSTRACT:** *This paper analyzes, in the novel Essa terra, by Antonio Torres, the journey of the character Nelo, who migrates to São Paulo in search of opportunities for social*

mobility, returning twenty years later to his homeland, in the backwoods of Bahia, where he ends up committing suicide. From the consideration of the individual story of this character as a representation of a collectivity, this text discusses the pessimistic view that the novel transmits about the condition of the northeastern migrant in Brazil, for whom there is no place in society. The narrative discusses the backcountry man situation, who is looking, with the flight to the cities, for a way to escape drought and misery. On the other hand, it also focuses on the circumstances arising from the migration process, such as the marginalization of the poor northeastern man in urban space. On the journey of the character, we evaluate as well the psychological consequences of the social and cultural influence process undergone by him from the contact with another reality, such as the impossibility of readaptation to the place of origin. Leaving Nelo in a state of deterritorialization in relation to the backwoods and not belonging in relation to the city, this relativized space places him in a kind of threshold zone, triggering the identity crisis and the subsequent suicide of the character.

■ **KEYWORDS:** Antônio Torres. Identity. Memory. Migration. Space.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**. Trad. A. F. Bernardini et al. São Paulo: UNESP; Hucitec, 1988.
- CANDIDO, A. A nova narrativa. In: _____. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987. p. 199-215.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- IANNI, O. **Enigmas da modernidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- LINS, O. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.
- MORICONI, I. Prefácio à edição de bolso. In: TORRES, A. **Essa terra**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2008. p. 07-15.
- TORRES, A. **Balada da infância perdida**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- _____. **Carta ao bispo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005a.
- _____. **Essa terra**. 20. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005b.
- _____. **Pelo fundo da agulha**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- _____. **Um cão uivando para a lua**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

